Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 334

1 DE ABRIL 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

INCENDIO DO THEATRO BAQUET, NO PORTO

(Desenho de J. R. Christino, segundo *croquis* enviado do Porto)

CHRONICA OCCIDENTAL

O paiz inteiro está ainda sob a profunda e dolorosa impressão de terror e de piedade, produzida pela monstruosa catastrophe do theatro Baquet do Porto.

Na noite de 20 de março fez beneficio n'esse theatro o actor Firmino, muito conhecido em Lisboa, por ter feito, em algumas epochas, parte da companhia do theatro da Trindade.

O theatro estava literalmente cheio. Tinha-se já representado a opera comica *Os Dragões de Villars* e estava-se representando a *Gran Via*, uma zarzuela de grande *successo* em Portugal. Os tres *ratas*, um dos quaes era Firmino, tinham entrado em scena e começavam o seu *tercetto* comico:

Yo soy lo rata primero
Yo lo segundo
Yo lo tercero

N'isto os artistas calaram-se de subito e o espectaculo interrompeu-se.

Uma das gambiarras roçára pelas bambolinas e pegára-lhe fogo.

Os espectadores surprehendidos não sabiam o que queria dizer aquella interrupção.

Souberam-n'o em breve tragicamente; souberam-n'o quando as labaredas, envoltas em densos rolos de fumo negro, sahiram do palco para os camarotes, communicando-lhes logo o fogo.

Então foi um *salve-se quem puder* geral.

E muita gente não poude.

O terror, o panico, as difficuldades da sahida, a confusão produzida pelas trevas que logo se fizeram, cortadas apenas pelo sinistro clarão rubro das chammas, a rapidez com que o incendio se propagou, a fumaraça asphixiante que n'um momento envolveu toda a sala e todos os corredores, as pessoas que na precipitação da fuga cahiam, impedindo a sahida d'aquellas que vinham atraz e que a seu turno cahiam tambem, formando assim um montão de corpos d'onde sahiam gritos lancinantes de pavor, de desespero, d'agonia, tudo isso impediu a sahida do theatro a mais de cem pessoas, que no dia immediato foram tiradas dos escombros desfeitas em pedaços carbonisados, e levadas para o cemiterio mesmo sem á maior parte d'ellas se poder reconhecer a identidade.

As torturas dantescas que enlouqueceram esses desgraçados nos interminaveis instantes da sua rapida agonia, a desolação monstruosa dos parentes e dos amigos que lhes sobreviveram e que os procuravam doidos d'anciedade, são faceis de calcular.

A *reportage* de todos os jornaes de Lisboa e Porto, muito bem e minuciosamente feita, trouxeram a lume com todos os seus pormenores, episodios lancinantes d'esse horrivel desastre; scenas dolorosas d'uma intensidade tragica, monstruosa e quasi inverosimil, que nem a imaginação mais fertil em horrores, seria capaz de inventar, scenas que nunca foram lembradas por Shakespeare, torturas que nunca foram advinhadas por Edgard Poë.

Não repetiremos aqui a narrativa d'esses episodios desoladores, nem a descripção d'essa catastrophe medonha.

Acompanhando as gravuras que o OCCIDENTE dedica hoje a esse acontecimento lugubre, publicamos em seguida um longo artigo do nosso presado collaborador e distincto jornalista portuense, o sr. Manuel Maria Rodrigues, narrando com toda a minuciosidade o horrivel facto, e isso dispensa-nos de fazer aqui a historia de mais essa catastrophe que vem augmentar tão funebremente a lista já enorme das catastrophes produzidas pelo fogo nos theatros.

Estas catastrophes tem o condão especial de impressionar muito mais o espirito do publico, de que todas as outras.

Uma epidemia devasta povoações inteiras; um naufragio sepulta no seio gelido das ondas centenares de victimas; a explosão d'uma mina faz voar em estilhaços toda uma tribu de trabalhadores; um terremoto sotterra cidades e villas com todos os seus habitantes; uma guerra gasta em minutos milhares de vidas; e entretanto a noticia de nenhuma d'essas enormes desgraças produz no espirito de toda a gente o terror profundo, a desolação colossal que produz a noticia d'um desastre occasionado pelo fogo no theatro.

A historia do nosso tempo, a historia d'estes ultimos annos é bem fertil infelizmente em desastres gigantescos; tivemos ha bem pouco tempo ainda o cholera de Napoles, os terremotos da Andaluzia, a catastrophe da ponte que abateu na America, o terremoto d'Ischia, e mesmo entre nós o typho em Manteigas, o naufragio do *Ville de Victoria*, mas nenhuma d'essas catastrophes feriu tanto o espirito, apavorou tanto a nossa imaginação, como o incendio do theatro de Nice, o incendio do Ring Theatre, o incendio do theatro d'Exester, o incendio da Opera Comique, e agora o incendio do theatro Baquet.

É que n'estes medonhos desastres dos theatros ha como que um sarcasmo terrivel e cruel da sorte, entre a morte horrorosa que se encontra e o prazer alegre que se buscára; é que no fundo de todas as nossas grandes dores, mesmo as mais sinceras, ha sempre um bocadinho de egoismo, e que n'essas horrorosas desgraças dos incendios no theatro, todos sentem ameaçada a sua segurança propria.

O que é porém muito estranhavel e chega a parecer contradictorio, é o contraste extravagante que ha entre o pavor enorme que em toda a gente produz a noticia d'um fogo em theatro e o desleixo colossal com que as auctoridades olham para as condições de segurança que um theatro possa offerecer em occasião de fogo, a imprevidencia inverosimil, a inconsciencia bonacheirona com que toda a gente enche esses theatros, sem se importar saber com a sua segurança individual.

N'este assumpto é perfeitamente falsissimo o proverbio de «vêr as barbas do visinho a arder e deitar as suas de molho».

E note-se que eu não censuro ninguem em especial; constato um facto que é tão verdadeiro com respeito a nós como o é com respeito a todos os povos do mundo.

Esta imprevidencia e desleixo em materia de theatro é positivamente universal.

Por mais theatros do visinho que ardam, ninguem trata de pôr os seus theatros de molho.

A historia dos theatros n'estes ultimos tempos ahi nol-o está a provar.

Ha vinte annos para cá tem ardido mais de 60 theatros e as causas do incendio tem sido quasi sempre as mesmas, o que demonstra que o exemplo de nada tem servido, e que as providencias que a pratica ensinára deverem-se adoptar, não se adoptaram.

É mesmo muito vulgar o facto de um theatro arder mais d'uma vez, e quasi sempre pelas mesmas causas.

Por exemplo: a *Opera* de Paris ardeu tres vezes, em 1763, em 1781 e em 1873; o Odeon, duas vezes, em 1799 e em 1818; o theatro de Namur, tres vezes tambem, em 1860, 1862 e 1867; o theatro Lurcy, em Londres, duas, em 1805 e 1865.

N'estes theatros, como se vê, nem depois da casa roubada se puzeram trancas á porta.

O primeiro theatro parisiense que ardeu foi em 1634 o theatro do Marais: d'então para cá, n'esses 253 annos que vão do incendio do theatro do Marais ao incendio do theatro da Opera Comique, quantas casas d'espectaculo tem ardido em Paris?

Cerca de trinta nem mais nem menos.

Desde o primeiro germinal do anno VII uma lei exigia aos theatros da França condições severissimas, que nunca foram observadas, não observancia que motivou em 15 de janeiro de 1838 o incendio do theatro italiano, e d'ali a mezes, em julho, o incendio do theatro do Vaudeville, exactamente como agora no Baquet a falta de cumprimento das prescripções feitas ha um anno, pelo inspector dos incendios, contribuiu enormemente para a grande catastrophe que hoje enlucta a segunda cidade de Portugal.

E agora que se falla tanto em precauções contra o incendio nos theatros, em garantias de segurança para o publico, parece-nos curioso dar aqui as principaes prescripções d'esse *arrêté* do 1.º germinal do anno VII.

Eram ellas as seguintes:

Os emprezarios de theatro são obrigados a guardar decorações e adereces de scena e guarda-roupa, n'um armazem separado da salla de espectaculo.

Ter na salla um reservatorio cheio d'agua e pelo menos uma bomba em estado de servir.

Pagar a bombeiros experimentados, que estejam sempre no palco em numero sufficiente para o serviço.

Um bombeiro deve estar constantemente de sentinella.

Junto de cada theatro deve haver um posto de guarda de modo que uma sentinella mudada todas as horas, possa vigiar juntamente com um bombeiro, o interior do edificio, fóra das horas do espectaculo.

No fim dos espectaculos, o porteiro, acompanhado por um cão de ronda, deve visitar todos os recantos da sala, para verificar que não está lá ninguem escondido, e que não ha nenhum indicio que faça temer incendio.

Esta visita quotidiana no fim do espectaculo, deve ser feita na presença d'um administrador municipal ou commissario de policia, que tomará d'ella nota em registo especial.

Todo o theatro onde estas precauções e formalidades não sejam executadas um dia só que seja, será immediatamente fechado.»

Na legislação theatral d'onde traduzimos estas instrucções ha uma nota curiosa a este ultimo §, nota que parece feita em Portugal.

Eil-a:

«Esta ultima disposição nunca foi executada.»

Exactamente: é por ella não ser nunca executada que desde o 1.º germinal do anno VII, tem ardido tantos theatros e tem morrido tanta gente n'esses incendios; é por causa d'essa disposição nunca ter sido posta em pratica em Portugal, que o Porto está hoje de lucto e que mais de cem pessoas encontraram a morte no Baquet, onde iam apenas procurar o recreio d'algumas horas.

Se quando em 23 de março de 1881 ardeu o theatro italiano de Nice, matando 80 pessoas, todos os theatros tivessem tomado as providencias necessarias, em dezembro d'esse anno não teria havido a extraordinaria catastrophe do Ring de Vienna.

Se depois de arder o Ring Theater, as auctoridades de Paris olhassem com cuidado para os seus theatros, não teriam no anno passado morrido no incendio da Opera Comique 200 pessoas; e se então as auctoridades portuguezas tratassem seriamente, como lhes competia, das providencias a tomar para a segurança do publico nos theatros, não haveria agora no cemiterio de Agramonte 100 cadaveres carbonisados, encontrados no entulho do theatro Baquet.

Isto é uma cadeia de responsabilidades em que toda a gente, de todos os paizes, tem culpas no cartorio.

As auctoridades tem a culpa do seu desleixo em assumpto tão grave, da sua falta de previdencia para adoptar as medidas necessarias, de falta d'energia para as impôr; as emprezas a culpa de não collaborarem com a auctoridade n'esse humanitario trabalho de garantir a vida dos espectadores e dos artistas contra as probabilidades do fogo, e pelo contrario se negarem muitas vezes a executar as disposições da auctoridade, ou de as sophismarem ou seguirem com imperdoavel desleixo; o publico tem a culpa de não protestar contra a incuria das auctoridades e das emprezas theatraes, não frequentando os theatros que offerecem visivel perigo e d'onde o escapar em caso de sinistro póde ser considerado um milagre.

Todos tem culpa e entretanto o caso é bem sério, é bem grave, toca bem a todos para que não seja admittida a incuria e o desleixo.

O numero de pessoas que tem morrido em incendios de theatro é perfeitamente assombroso. Um bocadinho d'estatistica é mais eloquente que toda a rhetorica sentimental que sobre o caso se faça.

Em 8 de junho de 1784 ardeu o theatro de Capo d'Ischia, morrendo 1:000 pessoas.

Em 14 de fevereiro de 1836 ardeu o circo Lehnmann, de S. Petersburgo, matando 800 pessoas.

Em 25 de maio de 1845, ardeu o theatro de Cantão, fazendo 1:670 victimas.

Em 12 de julho de 1846, ardeu o theatro real de Quebec, morrendo 200 pessoas.

Em 20 de fevereiro de 1847, morreram no incendio do theatro da Côrte, em Carlsruhe, 100 pessoas.

Em 7 de junho de 1857, no incendio do theatro de Livorno, 100 pessoas.

Em 1871, ardeu o theatro chinez de Shanghai, fazendo 120 victimas.

Em maio de 1872, o theatro chinez de Tsentsin, ardendo, matou 600 pessoas.

Em 5 de dezembro de 1876, morreram 380 pessoas no fogo do theatro Conway, de Brooklin.

Em 10 de dezembro do mesmo anno, morreram no incendio do theatro de S. Sacramento, 110 pessoas.

Em 1881, em 23 de março, morreram 80 pessoas no fogo do theatro de Nice, e em 8 de dezembro, 600 no incendio do Ring-Theater.

O anno que passou foi um dos mais ferteis em sinistros theatraes.

De janeiro a novembro arderam nada menos que 18 theatros.
Em 10 de janeiro, o theatro communal de Gottinga.
Em 16, o circo Sidoli, de Bucharest.
Em 19, o theatro de Spitafields, em Londres. N'este houve 17 victimas.
Em 12 de fevereiro, a opera de Norchampton.
Em 17, o theatro de Lubiana.
Em 28 de março, o circo Herzog de Gand, fazendo 3 victimas.
Em 26 de maio, a opera comica de Paris, com 200 victimas.
Em 2 de junho, o theatro communal d'Odessa.
Em 15, o circo de Leschin, na Russia, com 410 mortes.
Em 26, a sala de baile e concertos de Rotterdam, fazendo uma victima.
Em 28, o theatro Lafayette, de Rouen.
Em 3 de julho, o theatro de Caceres.
Em 9, o Alcazar de Harley, nos Estados Unidos, com 17 mortes.
Em 28, o theatro Venloo, d'Hollanda.
Em 25 d'agosto, a opera de Stockport.
Em 6 de setembro, o theatro de Exeter, com 160 victimas.
Em 14 de setembro, o café concerto de Calais.
Em 2 de novembro, o circo de Renz, em Hamburgo.
Só n'esses 11 mezes morreram victimas do fogo no theatro, 798 pessoas.
Parece-me que é já um numero bonito e eloquente, e que devia obrigar a pensar um bocadinho a sério n'estas coisas, os governos, os emprezarios e o publico.
Agora é a occasião, ou nunca, de em Portugal se fazer alguma coisa séria e importante a este respeito.
A nossa chronica vae já extraordinariamente longa e por isso não podemos tratar hoje das providencias a tomar, apreciar os alvitres que se tem apresentado.
Fal-o-hemos na proxima chronica, terminando hoje fazendo aqui o registro do grande movimento de caridade, que se operou em todo o paiz, em favor das victimas do incendio do Baquet, movimento que tão extraordinarios resultados tem dado, que tanto honra o caracter portuguez e em que figurou na primeira plana, como figura sempre que se trata de soccorrer miserias, de amparar desgraçados, de consolar tristes, sua Magestade a Rainha.

Gervasio Lobato.

O INCENDIO DO THEATRO BAQUET

NO PORTO

Indubitavelmente o mez de março é fatal para a heroica cidade do Porto.
As datas funebremente celebres de 29 de março de 1809 (catastrophe da ponte) e 29 de março de 1852 (naufragio do vapor Porto) veio agora juntar-se a de 21 de março de 1888 em que se deu o horroroso incendio do theatro Baquet, augmentando assim mais uma pagina luctuosa ás tristes commemorações d'esta cidade.
Era a noute do beneficio do actor Firmino, representando-se «Os dragões de Villars» e uma parodia da zarzuela «Gran-Via». Estava-se no ultimo acto do espectaculo e quando o publico pedia a repetição do terceto buffo os «Tres ratas», o panno desceu subitamente.
Isto causou estranheza nos espectadores e Cyriaco de Cardoso, director da orchestra e emprezario da Companhia, ao mesmo tempo que batia com a batuta na concha do ponto para o panno subir, voltava-se para a plateia procurando serenar o principio de agitação que aquelle facto produziu.
—Não é nada, soceguem—dizia Cyriaco de Cardoso.
Mas n'esse momento já o panno começava a inchar por effeito do fumo que havia no palco e algumas faulas eram impellidas para a sala.
—Fogo!—clamaram umas poucas de vozes.
E então os espectadores começaram a sahir em tropel, possuidos do maior panico, convergindo quasi todos elles para a porta do lado da rua de Santo Antonio.
No entretanto, no palco, reinava a maior confusão. Uma gambiarra communicára fogo a uma bambolina, alastrando-se logo o incendio pelo urdimento. Os artistas fugiam desvairados, com os proprios fatos com que estavam a representar, Dorinda Rodriguez era levada desmaiada para a rua, e Aurelia dos Santos era conduzida tambem em braços.
Como o fogo se propagava, o illuminador, junto do contador do gaz, exclamava:
—Saiham depressa porque vou fechar o gaz.
E immediatamente fechou o contador, fugindo tambem.
O incendio apossára-se com uma rapidez espantosa de todo o theatro e d'ahi a momentos uma fogueira enorme, medonha, projectava o seu clarão no espaço, illuminando varios pontos da cidade, ao mesmo tempo que nuvens de faulas cahiam como a chuva de um fogo de artificio a grande distancia, impellidas pelo vento.
O clarão do incendio foi visto, no mar, a quatro milhas de distancia da barra, pela tripulação de um vapor, segundo a narração feita depois pelo capitão.
O theatro, quando o fogo se propagou, parecia estar completamente evacuado, porque Cyriaco de Cardoso e outras pessoas entrando na sala e perguntando em altas vozes se alli estava alguem, não obtiveram resposta, presumindo-se no primeiro momento que ninguem tivesse succumbido.
Comtudo, que scenas horrorosas não se davam então nos corredores!
Os espectadores da 2.ª e 3.ª ordem dos camarotes e do paraizo, já meio asphyxiados pelo fumo, cegos de terror e perdidos na escuridão, precipitavam-se para os corredores, cahiam pelas escadas e formavam montes humanos, inertes.
Alguns que poderam caminhar por sobre esses montões de corpos, chegavam á porta do lado da rua de Santo Antonio, onde a multidão se atropelava tambem para sahir. Outros porém, desvairados, não dando com as portas do atrio continuavam a descer até ao fundo, entrando para o café do theatro, situado por baixo do mesmo atrio e refugiando-se até nas sentinas, onde foram encontrados alguns cadaveres!
Os gritos lancinantes, as exclamações de dor, e de desespero, cortavam o coração.
Varios individuos, julgando trazer pelo braço as esposas, chegavam á rua e, vendo-se sós ou com uma desconhecida junto de si, arremessavam-se para o interior do theatro para salvar uma pessoa querida e não voltavam!
Alguns homens arrojados, tendo-se apoderado das lanternas d'um trem, que passava pela rua de Santo Antonio, entravam nos corredores dos camarotes e conseguiam salvar algumas pessoas, já trazendo-as nos braços, desfallecidas ou queimadas pelo fogo.
Outros procuravam retirar as pessoas que cahidas junto á porta da sahida, homens, senhoras, e creanças, não se podiam erguer, pela multidão que os espesinhava.
Um homem precipitava-se da varanda do salão para a rua, quebrando as pernas e morrendo dias depois.
Um individuo, robusto, que fôra caixeiro da ourivesaria Innocencio, e que estava em um camarote de 3.ª, vendo que não podia sahir, volta ao mesmo camarote e atira-se á plateia, morrendo despedaçado.
A rapidez do incendio e a falta de soccorros immediatos, produzem muitas desgraças. Ainda assim algumas pessoas chegam a ser salvas pela manga de salvação que se collocou na varanda do salão, mas uma ou outra tão feridas, que morreram passados dias.
Um espectador do paraizo narrou-me o modo como conseguira salvar-se, vendo-se por essa curta narração que scenas medonhas se deram:
«Houve um momento que caminhei como que pelo ar, impellido pela multidão que me envolvia. Chegado ao patamar de uma das ordens de camarotes, andei por sobre montões de corpos, chegando por fim a uma das portas do atrio, que se fechára. Tentei abril-a, mas não me foi possivel, naturalmente por causa do povo que do outro lado estava encostado a ella. Tive então dez minutos de uma agonia indiscriptivel; começava a suffocar-me pelo fumo e julguei-me irremediavelmente perdido, quando por felicidade posso abrir a porta, já livre, e entrar no atrio, pondo-me a salvo!»
O desleixo por parte do pessoal do theatro e o panico que se apoderou do publico, contribuiram para se tornar maior do que podia ser, o numero de victimas.
Uma das primeiras causas das mortes que se deram, foi os espectadores terem convergido em massa para a sahida do lado da rua de Santo Antonio, quando muitos se podiam ter salvo pela da rua Sá da Bandeira, por onde fugiram apenas os artistas e alguns poucos espectadores das plateias.
Como se estava no resto do espectaculo, as lampadas de segurança dos corredores haviam-se apagado por falta de combustivel. Tambem se havia já fechado o salão, onde se podia ter refugiado muita gente, salvando-se pela váranda que dá para a rua de Santo Antonio.
Um espectador, logo que começou o fogo, dirigio-se á estação da bomba dos Paços do Concelho, pedindo soccorros, mas foi-lhe respondido que nem a bomba nem o material sahiam sem haver toque de incendio. O bombeiro que deu tão estupida resposta já foi suspenso e naturalmente será punido.
Quando se ia dar o signal de incendio nas torres das egrejas dos Congregados e Santo Ildefonso, as cordas partiram, provindo d'isso tambem a morosidade da chegada dos soccorros publicos.
A maior parte das obras de segurança que a auctoridade havia ordenado, segundo um relatorio feito ha mezes pelo inspector geral dos incendios, não tinham sido compridas.
Emfim muitos outros factos se deram para augmentar os horrores da catastrophe, alguns dos quaes se acham designados em uma queixa apresentada ao tribunal criminal pelo negociante Abilio Sequeira Pinto de Queiroz, que estava no theatro com sua familia na noute do incendio, e que pede n'essa queixa para se proceder criminalmente contra as pessoas a quem cabe a responsabilidade do desleixo e das graves faltas que se deram.
Por pedido do inspector geral dos incendios, tambem se está procedendo na administração do respectivo bairro, a um inquerito para se apurarem as responsabilidades que lhe possam caber no sinistro, ou á corporação de bombeiros que dirige.
Ainda não foi possivel apurar ao certo o numero de victimas, e isso mesmo será difficil apesar da investigação a que a policia procede para conhecer os nomes de todas as pessoas que faltam, e que são mais de cem.
O numero de cadaveres encontrados nos escombros tambem não se pode apurar bem, por causa dos muitos membros dispersos que appareceram. Calculam-se comtudo em cerca de 80.
Nenhum dos cadaveres extrahidos póde reconhecer-se, a não ser dous ou tres, por simples inducções, tal era o estado em que todos foram encontrados.
Esses cadaveres, que estiveram expostos no necroterio do cemiterio de Agramonte, onde foram sepultados em um espaço reservado que a municipalidade assignalará por meio de uma lapida, apresentavam um quadro aterrador.
Todos elles estavam carbonisados, resequidos pela acção do fogo. Havia troncos sem braços nem pernas. Outros sem cabeça; muitos nem o sexo se lhes podia reconhecer; quasi todos com algumas das extremidades devoradas pelas chamas, exibindo em posições medonhas, os ossos das pernas e dos braços, descornados e negros. Os intestinos tisnados sahiam pelo ventre de uns, outros eram completos esqueletos e depois de tudo isto, um grande numero de membros dispersos, pastas informes de carne calcinada, aqui uma cabeça, acolá uma perna ou um braço, além uma carcaça!
Entre as victimas contam-se familias inteiras de seis e oito pessoas. Ha n'ellas individuos de todas as classes: estudantes, proprietarios, negociantes, e gente do povo. Do pessoal do theatro apenas se conta uma corista, um porteiro dos camarotes e uma mulher empregada no gabinete de toilette da 2.ª ordem.
O beneficiado, o actor Firmino, perdeu no incendio uma filhinha, a sogra, um cunhado e ainda outra pessoa de familia, ficando além d'isso sem roupas, joias que havia recebido na sua triste festa, e até o dinheiro apurado ás portas.
Todos os outros artistas tambem ficaram sem muitos objectos que tinham nos camarins.
A empreza Cyriaco soffreu egualmente prejuizos importantes. Partituras, scenario e guardaroupa, que nada estava seguro, tudo foi devorado pelas chammas.
A situação de quasi todos os artistas é lamentavel e o mesmo succede a muitas familias que ficaram sem o amparo dos seus chefes. O numero de orphãos é grande e diversas pessoas tomaram conta de quasi todos, por caridade, até que a municipalidade e as auctoridades provejam á sua educação e sustentação.
Além da perda do theatro, de que existem apenas algumas paredes arruinadas, ficaram egualmente destruidos a Luvaria «Leon de Castilla», que estava segura na companhia Bonança; o estabelecimento de occulista dos srs. Pinto e Meirelles, com seguro nas companhias Segurança e Indemnisadora e o café «High-Life», seguro na companhia Portugal. Todos estes estabelecimentos achavam-se installados nas dependencias do

theatro, que estava egualmente seguro em reis 22:000$000 nas companhias «La Union» e «Fenix» hespanhola. Outros predios proximos soffreram tambem prejuizos mais ou menos avultados.

O theatro Baquet fôra mandado construir pelo abastado alfaiate Pereira Baquet, em um terreno da rua de Santo Antonio, que ficava a uns dez metros abaixo do nivel da mesma rua, tendo as trazeiras para a antiga Viella da Netta.

As obras começaram em 22 de fevereiro de 1858 e terminaram em 13 de egual mez de 1859.

Em consequencia da differença de nivel, os camarotes de 1.ª ordem ficavam parallelos ao pavimento da rua de Santo Antonio, tendo de descer-se um lanço de escadas para as plateias. Em redor d'estas corria uma galeria, havendo além d'isso tres ordens de camarotes e um paraizo.

A sala tinha um aspecto muito elegante e do tecto pendia antigamente um grande lustre de crystal, que fôra substituido ha poucos annos por uma roseta illuminada a gaz.

Fallecido Pereira Baquet, o theatro ficou sendo propriedade do seu contramestre Antonio Teixeira de Assis, pelo casamento que mais tarde fez com a viuva do finado proprietario.

Teixeira de Assis era um homem muito activo, tendo adquirido com as suas viagens ao estrangeiro, uma somma de conhecimentos que o tornavam bastante illustrado.

A sua ideia predominante era transformar a disposição interior do theatro, por meio de uma nova fachada nas trazeiras do edificio, e assim foi um dos que mais influiu para a abertura da actual rua Sá da Bandeira.

Eram suas tenções, feita a entrada principal pelo lado da rua Sá da Bandeira, mudar o palco para a parte que dava para a rua de Santo Antonio, porém a morte surprehendeu-o no vigor da idade e no meio d'estes projectos.

Passando o theatro a tornar-se propriedade de sua mãe a sr.ª D. Anna Victorina da Ascenção, residente em Lamego, mandou esta construir a fachada da rua Sá da Bandeira, estabelecendo novas communicações para o interior do theatro, modificando o palco, camarins, etc.

Se o incendio se tivesse dado quando o edificio apenas tinha a entrada pelo lado da rua de Santo Antonio, o numero de victimas seria incalculavel.

Ambas as fachadas eram de uma architectura simples. A da rua de Santo Antonio, desenhada pelo pintor Guilherme Correia, tinha sobre a platibanda quatro pequenas estatuas. A do lado da rua Sá da Bandeira destacava-se apenas por um pequeno frontão.

O theatro Baquet é o segundo dos theatros regularmente construidos no Porto, destruidos por incendio. O primeiro foi o theatro da Trindade, reduzido a cinzas na noute de 4 de julho de 1875, depois do espectaculo que se dera com a magica «A pata da Cabra».

Este ultimo theatro estava-se reconstruindo completamente segundo uma planta magnifica elaborada pelo fallecido architecto Soller, mas as obras pararam ha uns poucos de annos. É provavel que sejam agora terminadas, porque o theatro Baquet não mais será reconstruido.

O sentimento de dôr que produziu o enorme sinistro por toda a parte, demonstra-se pela expontaneidade e grandeza dos soccorros que se promovem não só no Porto, como em todo o paiz e no estrangeiro.

Não ha ninguem, entre nós, que não deseje contribuir com o seu obulo para minorar as circumstancias afflictivas em que ficaram grande numero de orphãos e muitas familias.

A rainha D. Maria Pia, por um d'esses impulsos caridosos que não tem precedentes em parte alguma do mundo, veio pessoalmente a esta cidade, como representante da familia real portugueza, associar-se aos sentimentos de pezar que enlucta o Porto, alentando ao mesmo tempo com as suas commovedoras palavras de conforto os que choram a perda de um ente querido e espalhando com mão prodiga valiosos soccorros aos mais necessitados.

A augusta princeza percorreu durante dous dias a cidade, entrando nos mais humildes e miseraveis tugurios, visitando os enfermos, os orphãos e os desvalidos.

N'essas visitas deram-se por vezes scenas lancinantes, que marejaram de lagrimas os rostos de todos os que as presencearam. Os gritos de dôr dos feridos que jaziam nos leitos e as solicitações dos desgraçados que pediam á rainha para os não desamparar, laceravam o coração.

Sua Magestade a todos consolava, a todos soccorria.

A acção moral e humanitaria que a presença da rainha veio exercer no meio da tremenda desgraça que assolou o Porto é inexprimivel.

Todos a bemdizem, todos a abençoam!

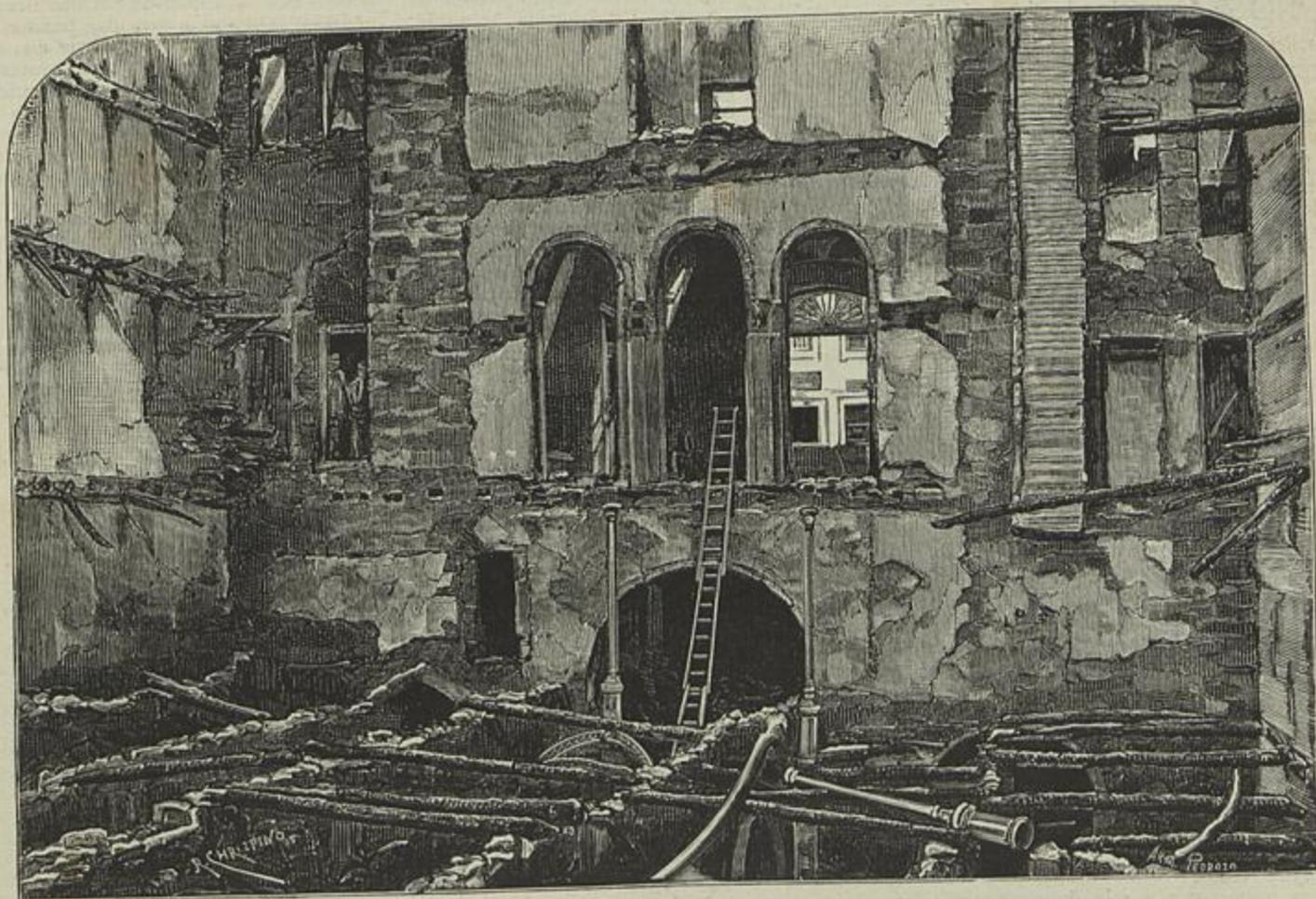
Porto 27.

Manoel M. Rodrigues.

INCENDIO DO THEATRO BAQUET

RUINAS DO LADO DA RUA SÁ DA BANDEIRA E ASPECTO D'ESTA RUA, NO DIA SEGUINTE AO DO INCENDIO

(Segundo photographia do photographo amador sr. Anthero de Araujo)

INCENDIO DO THEATRO BAQUET

RUINAS DA SALA DO ESPECTACULO, VISTAS DO PALCO PARA A PLATEIA

(Segundo uma photographia do photographo mador sr. Joaquim Basto)

RUINAS VISTAS DO LADO DO NASCENTE

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Anthero de Araujo)

AS NOSSAS GRAVURAS

Incendio do theatro Baquet

São cinco as gravuras que publicamos a respeito da horrivel catastrophe que enluctou a cidade do Porto e consternou o paiz inteiro.

A primeira d'essas gravuras representa o incendio do theatro Baquet, no aspecto que elle apresentava na rua de Santo Antonio, quando as chammas irrompiam já desvastadoras e chegavam os primeiros soccorros.

Observa-se o episodio de uma mãe afflicta que lança da varanda do theatro para a rua, um pequenino filho, sobre uma rede improvisada com os casacos de alguns individuos que para esse fim os despiram.

Este desenho foi feito sobre um *croquis* enviado por um nosso dedicado amigo que assistiu áquelle horrivel espectaculo.

A segunda gravura representa a fachada do theatro que deita para a rua Sá da Bandeira e parte d'esta rua, no dia seguinte ao incendio.

Vêem-se na rua montes de despojos do incendio, e os carros mortuarios que devem conduzir os cadaveres para o cemiterio de Agramonte.

Esta gravura foi feita sobre uma photographia directa na chapa, do distincto amador photographico sr. Anthero de Araujo, que obsequiosamente nol-a offereceu, junta com outras que adiante publicamos, por intermedio do nosso dedicado correspondente litterario e distincto collaborador do Occidente, o sr. Manuel Maria Rodrigues. A estes cavalheiros agradecemos a sua valiosa cooperação.

A terceira gravura mostra a grande derrocada produzida pelo incendio no interior do theatro.

Por ella se póde calcular facilmente a grande catastrophe, que sepultou nas suas ruinas uma centena de individuos.

A estampa representa a sala do espectaculo vista do palco para a plateia, tendo esta desapparecido completamente, assim como as tres ordens de camarotes, das quaes apenas se devisam nas paredes alguns vestigios do vigamento sobre que assentavam.

O desenho d'esta gravura é copia de uma photographia de outro distincto amador photographico, sr. Joaquim Basto, que tambem nos obsequiou por intermedio do sr. Manuel Maria Rodrigues, com photographias das ruinas, das quaes, por virem mais tarde, só podemos reproduzir esta, sendo as restantes dos mesmos pontos de que já tinhamos em andamento as gravuras.

Os nossos agradecimentos ao distincto amador.

A gravura que publicamos em seguida a esta no baixo da mesma pagina, é copia de outra photographia do sr. Anthero de Araujo.

Representa as ruinas de parte do palco, onde não é facil distinguir vestigios da scena, tal foi tambem a derrocada que o reduzio a um montão de ruinas informes, que tudo desfigurou.

A gravura que se vê na oitava pagina é reproducção de uma photographia tambem do sr. Anthero de Araujo.

Vê-se na mesma o aspecto das ruinas interiores vistas do lado do sul.

Calcula-se bem a intensidade do fogo que abrazou as grossas paredes mestras fazendo-as derruir como se foram o mais franzino tabique.

Um horror.

Poucas horas bastaram para se completar uma tão grande destruição e sacrificar tantas victimas, em uma morte horrivel, que veio cobrir de lucto e tristeza uma cidade, luto e tristeza que se estendeu a todos os pontos de Portugal, e foi ainda echoar lá fóra, como um gemido enorme da humanidade, que não tem fronteiras nem nacionalidades.

PRISÃO DO INFANTE D. DUARTE

XXXIX

(Conclusão)

No dia seguinte, cinco, Navarro contou-lhe o que D. Francisco ordenára para o melhorar de habitação, e disse-lhe que devia saber como o marquez de Ferreira era o que alimentava mais ardentemente a conspiração do duque, levantando tropas em nome d'este, e chamando-se capitão general das suas armas; que, para não se perder tudo de uma vez, sua magestade cesarea julgára conveniente conservar a sua pessôa; que D. Francisco de Mello, immediato successor de um e de outro, desejaria a conservação do cabeça da sua casa; e que, se D. Duarte não tinha culpa, conforme era presumivel, devia considerar que os reis tão grandes como sua magestade não despojavam as familias inteiras de suas fazendas, ainda mesmo em crimes tão execraveis, qual se considerava o de conspiração; que se lembrasse do que acontecera com a casa de Saxonia, no tempo do imperador Carlos quinto, e esperasse da grandeza e justiça de sua magestade liberalidade similhante; que, se estava comprehendido no desacerto de seu irmão, n'esse caso bem conhecia que ninguem o devia ou podia auxiliar; e, por ultimo, que D. Francisco de Mello lhe assistiria com o que houvesse mister para o sustento da sua pessôa, emquanto não chegavam ordens de Hespanha a seu respeito.

Como se vê, tentava-se o infante, approximando a sua situação, e a do novo rei de Portugal da de João Frederico, eleitor de Saxonia, e de seu primo Mauricio, o primeiro dos quaes, por seguir o partido protestante contra Carlos quinto, perdeu o estado, que passou ao segundo em recompensa de haver combatido a favor do imperador. Que projectos se esconderiam debaixo d'estas allusões? Julgavam talvez poder-lhe arrancar informações importantes ácerca da revolução, como se tentou, mas inutilmente com o auctor do Tacito Portuguez, quando, tendo cumprido a sua missão por causa dos tumultos de Evora, foi dar conta de tudo ao conde duque; o que bem se expressa nas seguintes palavras dirigidas pelo mesmo auctor a el-rei D. João quarto, no seu já citado Memorial: «Por ventura o galardão que podia esperar de comprazer áquelle ministro (o conde duque), os signaes que elle não dissimulava de desejar lhe revelasse alguns segredos dos que passavam n'este reino, foram bastantes para me meter nos bicos outras razões que aquellas que me dictava a obrigação, e o amor que tinha, e guardei sempre, á real pessoa de vossa magestade, e a seu estado.» Queriam pois obrigal-o a fazer algumas revelações, dando-lhe a entender que poderia alcançar como premio os estados de seu irmão? Ou entravam n'isto as ambições de D. Francisco de Mello, que pretendia ser duque em Portugal, como veremos, o que lhe concedeu Felippe quarto, posto sem effeito, por vingar a revolução; e, n'este caso, procuraria interessar o infante na partida, e sel-o de uma parte da casa de Bragança?

O infante, a cuja nobre alma de portuguez repugnavam intrigas e conluios odiosos, limitou-se a responder, em termos geraes, ao zeloso confidente, agradecendo ao ministro, e queixando-se do seu infortunio, como causa unica de o tratarem de modo tão diverso de quanto se podia esperar, só pelo desejo de o perseguirem, sem lhe valer estar tão longe de Portugal; mas deixava a Deus o conhecimento de tudo, proseguio; podiam tirar-lhe a honra e a liberdade; nunca lhe tirariam a paciencia; e que soffressem a pena merecida os auctores da culpa; e depois, em tom de gracejo, e para alliviar a dôr: «se me prendem por ter irmãos em Portugal, prendam tambem D. Leonor Pimentel, que ali tem um.»

N'este dia determinou Navarro os familiares que deviam ficar em seu serviço, e, por ordem de D. Francisco de Mello, deixou-lhe: Araldo de Tret, seu capellão, natural de Lilla, homem de conhecida virtude; Luiz Pereira da Costa ou de Sampaio, seu camarista; Gaspar de Magalhães, seu mordomo; dois pagens; dois moços da camara; um cosinheiro; e um reposteiro.

Desejou D. Duarte escrever a Felippe quarto, e pediu a Navarro que para isso obtivesse licença de D. Francisco de Mello. Obtida ella, deu a carta a Navarro, aberta, como lhe fôra determinado, para que se pudesse lêr, entregando-a este logo ao ministro hespanhol.

Como o infante não devia permanecer em Ratisbona senão pouco tempo, decidio ordenar quanto respeitava ao seu regimento, e solicitou consentimento de D. Francisco para o poder fazer na presença de Navarro. A esse fim mandou chamar o seu secretario, que era allemão, e sómente conhecia a lingua propria e a latina, e com elle fallou n'esta por mais de meia hora, não sem elegancia, dispondo dos seus cavallos e alfaias a favor dos seus criados, dando permissão a alguns para se irem, e gratificando-os conforme os logares que occupavam e os serviços que haviam feito.

Acabadas as disposições que julgou necessarias, e a conferencia com o secretario, voltou-se para Navarro, e disse: «Era opinião de meu pae que devemos dar aos amigos, e não vender, os cavallos de que nos servimos, para que não sejam maltratados; se não achaes n'isso inconveniente, receberei portanto grande gosto em acceitardes um dos meus, que estimo muito.» E, vendo que Navarro não annuia ao seu offerecimento, posto se enternecesse alguma coisa, por ser feito em similhante occasião, continuou: «Não sabia até hoje que fosse delicto receber um presente que se faz como legado testamentario, mas, visto que assim o entendeis, conformo-me com a vossa vontade, embora muito o sinta.»

No dia seguinte, seis, disse o infante a Navarro que resolvera renunciar o seu regimento, e que D. Francisco dispuzesse d'elle do modo que julgasse proprio, pois, segundo o determinado, via que passava ao serviço de Felippe quarto. Respondeu-lhe Navarro que não lhe parecia acertada a renuncia, porque era começar-se a castigar pelas suas mãos, antes do conhecimento da causa; e apresentou-lhe, a proposito, a fim de o persuadir, alguns exemplos que sabia de principes do imperio, os quaes, apesar de accusados, haviam conservado os seus postos e regimentos; ao que o infante replicou: «Se Deus houver por bem livrar-me de tão immerecida oppressão, a espada, que, durante o espaço de sete annos, serviu a augustissima casa d'Austria, e n'ella a el-rei, mostrará que não se cançou em tão pouco tempo, ainda que me seja precizo derramar o sangue e perder a vida em seu real serviço; e então, reconhecida a minha fidelidade e zelo, não deixará elle de me dar regimentos que commande.» Todavia, insistindo Navarro nas suas razões, concordou no outro dia com ellas, e deu o posto de tenente coronel do mesmo regimento, vago recentemente pela morte de quem o occupava, a D. Pedro de la Cueva, hespanhol, bom soldado, que era sargento-mór, e no mesmo servia havia muitos annos, ordenando que, para remontar a sua companhia, se tirassem dois tiros dos seus cavallos, pois não eram então necessarios. Segundo quer Birago, o infante mandou offerecer a renuncia do seu regimento ao imperador pelo conde Slich. Não acceitou Fernando terceiro, mas pouco tempo depois tirou-lh'o, sem o ouvir, por suggestões dos hespanhoes. Nenhum outro documento ou auctor corrobora esta asserção.

Foi n'este dia D. Luiz Gonzaga visitar o infante, em nome do imperador, e disse-lhe da sua parte que estivesse descançado, e que, se não tivesse culpa, sua magestade cesarea lhe offerecia a sua protecção. Agradeceu lh'o o infante com toda a reverencia; mas, voltando-se para Navarro, exclamou: «Conceda-me Deus a sua, que a do imperador já vejo quanto me serve.»

Parecia diligencia escusada examinar os papeis de D. Duarte; se houvesse alguns que o compromettessem tinha tido tempo mais que sufficiente para os inutilizar, desde que soube do levantamento de Portugal, antes de ser prezo por D. Luiz Gonzaga, e mesmo depois, porque os poderia ter lançado com a maior facilidade no Danubio. Comtudo Navarro, embora pensasse d'este modo, não deixou de o fazer; já para cumprir com todas as formalidades, em taes actos costumadas, já sobretudo porque D. Francisco de Mello assim lh'o mandára, por causa de D. Diogo de Saavedra Fajardo haver interceptado um maço de cartas dirigidas ao infante, entre as quaes havia uma de seu irmão, em branco, e outra com algumas linhas em cifra, escripta pelo padre D. Damazo Cardoso, que assistia em Vienna.

Recebida a ordem de D. Francisco, apressou Navarro a diligencia, a que já tencionava proceder, e apresentou-se para esse fim a D. Duarte, o qual determinou logo que lhe franqueassem os bahús e uma escrevaninha em que guardava papeis. Tambem lhe pedio Navarro que, se tivesse alguma cifra lh'a entregasse, ao que elle respondeu immediatamente que uma tinha com o padre D. Damazo, e mandou-lh'a dar por Luiz Pereira da Costa, seu camarista.

Do exame de todos os papeis apresentados, que se continham em quatro maços, veio-se no conhecimento de serem contas e cartas de correspondencia com varias pessôas, durante o periodo de sete annos, nas quaes, posto que algumas fossem um tanto frescas, não havia nada em seu prejuizo, e muitas ordens em allemão dadas ao seu regimento, e recebidas de seus generaes. Estas deixou Navarro em poder de Luiz Pereira; todos os outros papeis restituio-os ao infante, como determinára D. Francisco de Mello. Quanto á carta em cifra de D. Damazo, levou-a a este ministro, o qual a fez decifrar por elle e por D. Diogo de Saavedra. Tratava ácerca de uma pessoa religiosa, de quem fallava com bem pouca

decencia, aconselhando ao infante que a não visitasse, sem ella o fazer primeiro. A este acto achou-se tambem presente o marquez de la Fuente. A cifra e a carta ficaram nas mãos de D. Francisco.

N'este meio tempo, um novo accidente viera perturbar o animo do preso, e de tal maneira, que logo o deu a conhecer a Navarro, quando este o foi visitar no dia dez, recebendo-o com modo serio e com pouco agrado, fóra do costume e da sua natureza, que era modesta e branda. Suspeitou Navarro que seria falta de saúde, e perguntou-lhe como passára a noite. «Como quereis que passe um homem tão desditoso que não ha ninguem que não se lhe atreva?» respondeu elle; e contou que chegára um capitão do seu regimento, pelo qual soubéra como o conde Picolomini tinha determinado a todos os officiaes do mesmo que não obedecessem ás suas ordens nem o reconhecessem por coronel. Esta resolução do seu general causou-lhe o maior sentimento; não podia suppor que partisse d'elle, e sim de esphera superior; e bradava, e protestava a sua fidelidade, assegurando que um golpe tão sensivel não tinha remedio, pois fôra publico a todo o exercito.

Procurou Navarro moderar-lhe a magua dizendo que estava persuadido que o conde Picolomini procedera por si, pois sendo este regimento um dos designados para passarem ao serviço do rei de Hespanha, não mandaria o imperador ordens áquelle general sobre suspender ou tirar-lhe o coronel; que sabia muito bem que D. Francisco de Mello era contra o parecer de começar o julgamento pelo castigo, e que ia immediatamente dar-lhe conta do succedido a fim de remediar-se o mal. Com effeito Navarro foi ter com D. Francisco, e pôl-o ao facto de tudo. Admirou-se este de Picolomini haver tomado tão subita resolução, e mandou-lhe que tornasse logo a D. Duarte, e o assegurasse de que a tudo se providenciaria, declarando além d'isso, que na noite antecedente o imperador lhe communicára a tenção de o conservar nos postos de sargento general de batalha e de coronel de cavallaria. Estas palavras abrandaram o sentimento do infante. Foi ainda Navarro ter com o conde Slich, em nome de D. Francisco, e referiu-lhe o que succedera. D'aqui resultou fallar Slich a sua magestade cesarea, e ordenar-se a Picolomini que não innovasse coisa alguma quanto aos postos de D. Duarte, porque a vontade do imperador era que elle fosse conservado em todas as suas honras.

J. Ramos Coelho.

A HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA

POR JOÃO BONANÇA

Depois da informação da Academia Real das Sciencias e do parecer do Conselho superior de instrucção publica — a primeira de uma notavel proficiencia e aturado estudo, e o segundo cheio de justo e provado encomio ao auctor do trabalho cujo titulo serve de epigraphe a esta noticia — pouco se poderá dizer que sirva de animoso auxilio ao homem arrojado que se fez a si proprio, pela sua obra de herculeo patriotismo, o primeiro historiographo portuguez.

Apesar de se acharem publicadas 192 paginas do tomo I d'esta importante obra, só me referirei ao capitulo IV, cujo summario é o seguinte:

«A que aspiramos n'esta parte difficil do nosso trabalho. Porque expomos o systema zoologico. Critica d'este systema. As raças humanas da Europa. Insufficiencia dos meios até agora empregados para distinguir as raças humanas. De onde vem a côr ao homem, e de onde veio o homem. Se as raças humanas da Europa são originarias de ella mesma. Linneu e Darwin; Blumenbach, Duméril, e Cuvier. O homem constitue uma ordem separada da dos monos. Porque não é acceitavel o darwinismo. Systêma zoologico, para facilitar a comprehensão da historia do mundo animado: caracteres distinctos das quatro raças humanas da Europa.»

Pelo systêma de João Bonança ha, só na Europa, quatro raças perfeitamente distinctas; — seltica, germanica, hellenica e slava.

O auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia* não acceita o Systema Natural de Linneu, e para isso adduz as seguintes razões repassadas da mais cortante ironia:

«Basta olharmos para a pintura do homem «europeu, para de prompto conhecermos quanto «ella tem de ingenuidade e de supposição: o *homem europeu* (Caroli a Linné *Systema Natural*, «tom. I pag 28-33) é branco, sanguineo, carnoso; «tem azues os olhos, e louros e compridos os «cabellos (por exemplo os *gregos, portuguezes*, «*francezes meridionaes, hespanhoes*, que só muito «excepcionalmente teem os olhos e os cabellos «castanhos); é ligeiro, astucioso e inventor (as «susceptibilidades não permittem exemplo): veste-se de fatos apertados (por exemplo as damas «romanas; e os senadores, quando, sobraçando «a sua toga, decretavam guerra ao mundo); rege-se ritualmente (é claro que as velhas constituições dos povos da Europa nada mais são, «do que ritos).»

Depois vem o systema de Duméril que adoptou quasi a mesma nomenclatura do allemão J. F. Blumenbach: isto é, desprezando a *hyperboreana*, acceita cinco raças humanas, caucasica, mongolica, ethiopica, americana e malaia.

Em seguida vem Georges Cuvier que, perfilhando a classificação de Duméril, lhe imprime alguns retoques.

Todos estes davam como principal base de classificação das raças, *a côr*.

Bory de Saint-Vincent no seu *Ensaio zoologico sobre o Genero Humano* classifica o homem pela fórma do cabello: — *leiotricos* (cabellos lizos) *ulotricos* (cabellos crespos).

Virey divide o genero humano em especies determinadas pela fórma do angulo facial.

Geofroy Saint-Hilaire estatúe a fórma do rosto.

Weisbach prefere a configuração da cabeça.

Paulo Broca determinou que a base da distincção das raças fosse o *indice nasal*, mas quando elle proprio já não confiava n'ella é que Topinard vem enaltecel-a, não considerando nenhuma outra mais correcta.

Ultimamente Quatrefages affirma ter achado o *clou* de todos os systemas, combinando as côres da pelle com as fórmas capitaes.

De todos estes variados systemas conclue o nosso notavel compatriota, João Bonança, que no de Bory de Saint-Vincent ha o inconveniente de classificar na mesma raça os *ulotricos*, de cabellos crespos, nada mais nada menos do que os seguintes povos tão differentes em costumes e leis, ilha Formoza, Philippinas, Malaca, ilha de Borneo, as Celébes, Molucas, Timor, Nova Guiné, Archipelago do Espirito Santo, Nova Caledonia, as ilhas Fidji, Terra do Fogo, e todos os negros do centro e das costas occidental e austral de Africa!!!

— que o de Virey não resiste ao raciocinio, desde o momento que reune no mesmo grupo, indios, cafres, hotentotes, guineos, patagões, botocudos; juntando por outro lado o allemão e o russo com o judeu e com o china, e o portuguez e o hespanhol com o lapão!!

— que o systema de Isidore Geofroy Saint-Hilaire dá o resultado de confundir arabes com slavos, seltas com germanos, e hellenos com niloticos, raças que se distinguem nitidamente umas das outras pela differença da côr da pelle, estatura, linguagem, aptidões!!

— que o de Weisbach tem uma divisão falsa; por isso que todas as raças da Europa contéem typos de cabeça curta, sobrecurta e oblonga.

— que tanto é inacceitavel o systema de Paulo Broca como o de Paulo Topinard porque identifica o *esquimal* com o *basco*; o *chinez* e o *polynesio* com o *italo*; e o *parisiense* com o *patagão*!!

— e finalmente, do processo seguido por Quatrefages, diz João Bonança com a auctoridade do seu talento e sciencia: «O que ha de sobremaneira notavel no systema quatrefagiano é a «idea de ligar a variedade de côres e de cabeças na unidade de um unico typo originario. «Segundo Quatrefages o genero humano é uma «arvore, de cujo pé sahiram tres troncos, que «lançaram diversas pernadas, das quaes rebentaram ramos differentes com variadas folhas.»

«Singular arvore, que varia de côres e de feitios, de tronco para tronco, de pernada para pernada, de ramo em ramo e de folha em folha: «arvore que reune em si todas as côres e todas «as fórmas do mundo vegetal!! Não nos apresentando a natureza phenomeno similhante, ha «o direito de julgar a tal arvore humana uma «criação puramente ideal.»

D'onde se conclue que a celebre classificação das tres raças *branca, amarella* e *negra* é muito imperfeita.

Segundo parece todos os processos até hoje empregados para distinguir ou classificar as raças se teem baseado por assim dizer apenas no genio, origem, inclinações, e, quando muito, na actividade, physica ou intellectual das diversas familias humanas.

Pelo processo empregado por João Bonança, decerto o mais scientifico e consentaneo com a razão moderna, encontram-se as differenças de raça, de um modo definitivo, n'uma racionalissima combinação de todos os caracteres anatomicos, na linguagem dos individuos, na archeologia, na geologia paleontologica ou conhecimento da terra e entes primitivos, e finalmente nas tradicções historicas.

João Bonança prova scientificamente que não é do clima, nem das latitudes em que o individuo vive, que lhe vem a côr.

De onde veiu porém a côr ao homem?
E de onde veiu o homem?

«A chimica (é João Bonança que vae brilhantemente responder-nos) encarrega-se de responder clara e terminantemente a tal interrogação. «O corpo humano contém 63 °/o de agua: cal, «soda, potassa, enxofre, phosphoro, magnesia, «ferro, chloro; acidos sulfydrico, phosphorico «e carbonico; o oxigeneo e o hydrogeneo contidos na agua; e ainda outras substancias. Ora «nós vimos (cap. III.) como a chimica terreste «coloria os marmores, o grez e as argillas com «oxidos de ferro e com as infiltrações de materias betuminosas e carbonosas: por que motivo «não ha de pois dar o ferro á pelle humana «á côr de carne, o avermelhado e roseo que se «manifesta em certas raças? porque não ha «de o acido sulfuroso branquear a pelle, como «branqueia as lãs escuras e as flores vermelhas? «porque não hão de determinadas quantidades «de ferro e de materias carbonosas imprimir na «epiderme o tom arroxeado das raças americanas? porque não hão de as materias betuminosas e carbonosas dar á pelle todos os tons de «preto, desde o moreno leve até ao negro fechado? No cheiro nauseento, *catinga*, do negro «africano revela-se o fetido do marmore betuminoso (cap. III, pag. 136). Se o hydrosilicato de «ferro e de potassa communica ao marmore uma «côr esverdeada ou verde azulada, porque não «imprimiria elle colorido identico no vidro dos «olhos particulares a certas raças? Tudo nos indica haver a chimica terreste com os mesmos «corpos e os mesmos processos impresso no homem a coloração, de que ornamentou as rochas.»

É tão brilhante esta solução que quazi nos cega de luz!

Assim, conhecida a terra, está conhecido o homem.

O processo scientifico de João Bonança é um processo pratico que traz a prova na exposição. O seu estyllo é simples como a verdade, as palavras fogem do grego e do latim para o bom portuguez, para que o povo o leia e o entenda.

João Bonança é o primeiro homem de sciencia do nosso paiz que conseguiu interessar pela sua obra até ao mais avesso dos profanos no assumpto.

É porque a *Historia da Luzitania e da Iberia* é portugueza, é original, é nossa; sentimol-a no coração, corre-nos no sangue, e as outras....... são estrangeiras ou, peor do que isso, ensinam-nos a desprezar a nossa patria, emquanto que no trabalho collossal de João Bonança revive a nossa nacionalidade, e d'essa revivescencia os resultados optimos breve serão colhidos.

Se lá fóra, na Allemanha central, começâmos a ser notados, nos seus livros de sciencia, nas suas universidades, é incontestavel que o devemos á propaganda que ali tem feito a obra de Bonança, que conta, só n'aquelle imperio mais de duzentas assignaturas.

Para o sul, em Vienna de Austria, no seu ultimo congresso demographico, a leitura da traducção germanica dos fasciculos publicados produziu funda sensação. É sabido que n'este congresso se reuniu a élite da sciencia de todos os paizes da raça latina.

João Bonança é hoje um nome que resoa aos ouvidos portuguezes como um timbre sympatico de revivescencia patria, e retumba nas quebradas estrangeiras, como um dobre de alarme que bem recorda não ter morrido nos corações luziberos a herança do paiz, fortificado pela poderosa intelligencia de D. João II, o *perfeito*, cantado por Camões, e regenerado por Pombal.

A Historia da Luzitania e da Iberia é o marco da nova affirmação, do revigoramento do caracter nacional.

Manuel Barradas.

RESENHA NOTICIOSA

As heroinas de Shakespeare. O *Graphic*, periodico illustrado inglez de grande nomeada, vae

INCENDIO DO THEATRO BAQUET

RUINAS INTERIORES VISTAS DO LADO DA RUA DE SANTO ANTONIO

(Segundo photographia do photographo amador sr. Anthero de Araujo)

publicar uma serie de gravuras representando as heroinas que figuram nas obras de Shakespeare. Essas gravuras serão copias de quadros, expressamente encommendados pela empreza do *Graphic* aos mais afamados pintores inglezes, e de que se fará previamente uma exposição publica. Os quadros devem ser vinte e um, que tantas são as heroinas de Shakespeare, e este concurso de pintores inglezes a interpretarem as creações do grande tragico deve ser curiosissimo.

Memoria a Luiz de Camões. É esta a denominação de uma sociedade portugueza de beneficencia no Rio de Janeiro, a qual acaba de concluir um explendido edificio para sua séde, e que é um verdadeiro monumento de architectura manuelina, de que foi architecto o portuguez sr. Antonio Ferreira da Rocha, sendo os trabalhos de cinzel executados pelo sr. José Francisco Ribeiro, artista tambem portuguez. A mobilia, que é um verdadeiro primor de marcenaria, foi fabricada nas officinas do artista portuguez sr. Francisco José Monteiro. A commissão especial encarregada de superintender ás obras, e que tão bem se desempenhou do seu cargo, é composta dos socios os srs. Gregorio Garcia Seabra, Francisco José Gouçalves Vieira, José Moreira Baptista, Joaquim José Correia e Manuel Alves Dias Braga.

Monumento a Fontes Pereira de Mello. Ao concurso que se abriu para a apresentação de projectos de um monumento a Fontes Pereira de Mello, concorreram sete modelos, sendo um em desenho e photographia e seis em gesso que passamos a descrever resumidamente pela sua ordem numerica: n.º 1 Ergue-se um pedestal cylindrico sobre escadaria e em volta do pedestal um grupo representando a historia ensinando ás gerações, symbolisadas em duas creanças, e mais tres figuras, a Lei, o Progresso e a Fama; sobre o pedestal a figura de Fontes em attitude de fallar; n.º 2 Um pedestal estylo Renascença ladeado por quatro figuras allusivas ás forças sociaes, em cima a estatua de Fontes; n.º 3 Um alto pedestal quadrangular assente sobre escadaria, ornamentado em estylo Renascença e em cada uma das faces avultando quatro estatuas allegoricas, sobre o pedestal a figura de Fontes com a farda de ministro e o manto de par do reino, attitude de quem acompanha a palavra com gesto grave; n.º 4 Sobre degraus um pedestal cylindrico e sobre este outro, em roda tres figuras allegoricas, sobre o pedestal uma estatua de Fontes á paisana, sobrecasaca, mão esquerda na algibeira e a outra em attitude de quem falla; n.º 5 O desenho representa um pedestal sobre escadaria, em volta do pedestal baixos relevos e quatro estatuas, que se vêem separadamente photographadas, representando o Direito, o Dever, a Politica e a Justiça, sobre este pedestal ergue-se uma columna no cimo da qual pouza a estatua de Fontes, tambem em attitude de orador; n.º 6 Uma larga escadaria em que assenta largo pedestal com quatro saliencias rectangulares, ao centro ergue-se um obelisco coroado pela figura da Fama, em baixo sobre os quatro pedestaes salientes tres figuras allegoricas e a figura de Fontes em attitude de fallar com gesto largo, um tanto exaggerado para a gravidade conhecida do distincto parlamentar; n.º 7 veio depois de encerrado o concurso e ao fechar da exposição; não o podemos vêr, entretanto consta-nos que não desmerece dos outros projectos apresentados. Parece-nos que não será facil a escolha porque a maioria dos projectos estão em perfeita competencia uns com outros, o que é uma verdadeira gloria para a arte nacional, e muito especialmente, para os esculptores portuguezes, que tão bem medem as suas forças com alguns esculptores estrangeiros que concorreram. O programma do concurso foi pouco claro n'este ponto, não especificando se o concurso era internacional ou nacional, parecendo que a ideia era de que fosse nacional, em vista do pouco tempo que dava para fazer os projectos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Governadores Geraes, Arcebispos e Secretarios do Governo do Estado da India, por Carlos Eugenio João Filippe Ferreira. Nova Gôa, 1887. Um folheto de 34 paginas que é um additamento ao *Bosquejo Historico de Goa* e ao *Catalogo de secretarios do governo* publicados por Miguel Vicente d'Abreu, avô do auctor. Este pequeno livrinho trata dos governadores da India nomeados depois do governo do conde de Torres Novas, (1864) principiando pelo governador José Ferreira Pestana até ao conselheiro Ferreira do Amaral, que retirou para a Europa em 3 de Novembro de 1886. Seguem-se os arcebispos, principiando em 1859 até á actualidade e conclue com a enumeração dos secretarios desde 1869 até ao presente. Os principaes factos do governo da India acham-se alli mencionados com respeito a cada governador. No prefacio lê-se que a India tem tido d'esde 1505 até hoje 121 chefes do Estado assim divididos: 48 Vice-reis, 8 Capitães Generaes, 1 Prefeito, 45 Governadores Geraes e 19 Conselhos Governativos. Os chefes da egreja metropolitana de Gôa e primacial do Oriente tem sido até ao presente: 28 Arcebispos, usando o actual titulo de Patriarcha das Indias, e 7 vigarios capitulares.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, David Corazzi editor, Lisboa. O n.º 5 ultimamente publicado d'esta bibliotheca é *O homem e o Espectro* de Carlos Dickens, versão do sr. Pedro dos Reis, com uma noticia biographica do auctor. Este romance é sem duvida dos melhores que tem publicado e publicará esta bibliotheca, para quem sabe o quanto valem os escriptos de Carlos Dickens, de uma originalidade e finura incomparaveis.

Em beneficio das victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet.

A Empreza do Occidente associando-se á Commissão da Imprensa de Lisboa, offerece uma edição especial de 500 exemplares d'este numero do Occidente, para ser vendida em beneficio das victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet.

Os exemplares destinados a este fim tem a respectiva indicação na 1.ª pagina.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa